

DA DUPLA DE AUTORAS DE NOIVOS À FORÇA E AMOR E OUTRAS PALAVRAS

CHRISTINA
LAUREN

UM LADO MAIS

Selvagem

TOP
SEL
LER

«Um romance repleto de suspense,
intriga e diversão sobre um casal que enfrenta
o perigo e aprende a amar de novo.»

BookPage

Nota das Autoras

Um pouco para lá de Moab, no Utah, o Parque Nacional de Canyonlands é um dos lugares mais espetaculares dos Estados Unidos da América, oferecendo grandes vistas desérticas entrecortadas pelos rios Colorado e Green e os seus intermináveis afluentes. Os visitantes mais afortunados podem apreciar o majestoso céu azul e as espetaculares formações de rocha vermelha, uma beleza cénica que se estende até aonde a vista alcança. Dentro dos limites do parque, existem áreas remotas, quase intransitáveis, e outras que podemos percorrer a pé ou de carro, bastante agradáveis para os turistas.

Após meses de pesquisa e muitas visitas, ficámos a conhecer muito bem esta paisagem e o terreno. Até contratámos um guia especializado para nos desenhar mapas para uma possível caça ao tesouro. Sucede, no entanto, que às vezes há que privilegiar a narrativa em vez da precisão geográfica, e, apesar do que aprendemos sobre o local, certo é que inventámos muitas coisas. Em alguns sítios, condensámos distâncias; noutros, criámos cenários e estruturas onde não existem.

Tudo isto para dizer que escrevemos este livro para ser usado como uma fuga divertida e emocionante do mundo real, não para servir de guia turístico. (Quem seguir a nossa rota

é capaz de não voltar com vida, lol.) Claro que adoraríamos pensar que a história de amor do Leo e da Lily levará os nossos leitores à procura de mais contacto com a natureza e à descoberta de novos caminhos, porém, caso se sintam mais felizes aconchegados nos respetivos cantinhos de leitura, esperamos ao menos que proporcione momentos muito bem passados.

Com amor,
Lauren e Christina

Prólogo

Laramie, Wyoming

Outubro, Dez Anos Antes

As botas de Lily Wilder esmagaram a gravilha solta quando abandonou o celeiro e caminhou em direção à casa principal com os olhos cravados no seu lugar favorito em todo o planeta Terra. Nas suas costas, os cavalos convergiam em direção ao tanque de água para saciarem a sede depois de uma longa noite no pasto. Uma coluna de fumo branco erguia-se da chaminé do edifício em direção ao céu, tornando-o cinzento-claro. O dia amanhecera fresco e o sol acabava de romper sobre as montanhas.

Por aquela altura, Lily estava acordada há horas.

Na sombra do alpendre, uma figura aguardava-a com duas canecas nas mãos. O coração bateu mais depressa e apaixonadamente quando ela percebeu que se tratava de Leo, sonolento e sorridente, vestido com calças de algodão e um casaco de lã. Sem dúvida, era assim que ela desejava começar as manhãs. Custava-lhe acreditar que, daí em diante, esse desejo seria uma realidade. Lily subiu os três degraus decrépitos e esticou-se para encostar o sorriso rasgado ao de Leo, sentindo que haviam passado dias, em vez de horas, desde a última vez que o beijara. Os lábios de Leo eram quentes e macios, ao contrário dos seus, arrefecidos pelo vento. Sentiu o peito incendiar-se quando ele lhe pousou as mãos mornas nas ancas.

— Onde é que ele está? — perguntou, interrogando-se se o pai deixara o rancho sem se despedir. Não seria a primeira vez, mas seria a primeira vez que ela não se importava.

Leo entregou-lhe uma caneca fumegante e apontou com a cabeça na direção da cabana do zelador, na outra margem do rio.

— Atravessou a ponte. Foi despedir-se do Erwin.

Seria estranho que ela não soubesse para onde o pai ia nem quanto tempo estaria ausente? Talvez, mas depressa afastou a ideia do pensamento. Naquele momento, a maneira como o coração pulsava ao ritmo de uma canção triunfante parecia-lhe mais importante. A sua vida estava finalmente a começar, e de alguma maneira, naquele verão, enquanto aprendera a gerir quase tudo o que dizia respeito à manutenção do rancho, ela também se apaixonara. Foi um amor que a surpreendeu — ancorado e seguro, mas também louco e febril. Afinal, vivera dezanove anos na pele de alguém que se habituara a ser pouco mais do que tolerada pelos outros, uma espécie de encargo, mas ali, ao lado de Leo, tornara-se finalmente o centro do mundo de alguém. Não sabia que conseguia passar os dias com um sorriso no rosto, que as suas gargalhadas podiam soar tão livres ou que era capaz de desejar alguém com tamanha intensidade. O mais perto que chegara daqueles sentimentos era quando selava o seu cavalo para cavalgar livremente pelas terras da família. Contudo, esses momentos eram fugazes; Leo prometera-lhe que estava ali para ficar.

Lily inclinou o queixo e fitou-o. Leo herdara a constituição física do pai irlandês e as feições da mãe japonesa, mas a alma, aquela maneira de ser e de estar, era cem por cento dele. Lily nunca conhecera ninguém tão tranquilo e seguro de si como Leo Grady. Custava-lhe acreditar que aquele homem moveria o mundo por *ela*, se fosse preciso.

Era algo que lhe perguntara uma centena de vezes.

— Tens a certeza de que queres fazer isto?

O Rancho Wilder era um sonho antigo. Lily sabia, porém, que gerir um rancho para turistas durante o ano inteiro podia estar longe de ser o sonho de mais alguém. Não fora o do pai, certamente, embora reconhecesse que o homem mostrara pelo menos o mínimo de empenho para manter o negócio de pé, ao contrário da mãe, para quem o rancho era apenas outra coisa que abandonara de bom grado. Volta e meia, Lily sentia que passara a vida inteira à espera do dia em que transformaria o rancho num lar, no lugar onde viveria feliz para sempre. Agora estava ali com Leo, alguém com quem podia concretizar esse sonho.

— Tenho, Lil — respondeu Leo, contornando-lhe o ombro com o braço livre e puxando-a para lhe depositar um beijo na testa. — É tu, tens a certeza de que queres alguém como eu a atrapalhar-te?

— Claro que sim.

As palavras soaram altas no silêncio matinal. À distância, o novo potro reagiu com um relincho. Leo fitou-a com um olhar embevecido. Leo Grady não percebia patavina de ranchos, essa parte era verdade, mas Lily sabia que ele tinha uma habilidade natural para lidar com cavalos e era perfeitamente capaz de ajudá-la em mil e uma tarefas diferentes — como pendurar as selas e os arreios nos ganchos mais altos, por exemplo. Mas nada disso constituía a razão de o querer ali. Queria-o ali porque Leo era inegavelmente *seu*, e ela nunca tivera alguém que lhe pertencesse.

A pele de Leo cheirava a sabonete. Lily abraçou-o, aninhando o rosto na curva do seu pescoço na esperança de detetar um vestígio de suor, daquele aroma intensamente masculino que sentira deslizar sobre si na noite anterior.

— Fiz-te o pequeno-almoço — murmurou Leo contra o seu cabelo.

Lily inclinou-se para trás e sorriu-lhe.

— Os scones da tua mãe? — perguntou, com um olhar esperançado.

— Tens noção de que a minha mãe não inventou os scones? — respondeu ele, rindo-se. Inclinou-se e beijou-a de novo, desta vez na boca. Depois, quase sem desencostar os lábios: — A minha mãe costuma servir-nos arroz e peixe. Tenho quase a certeza de que os scones são mais uma receita da Rachael Ray.

Duke Wilder atravessou a relva coberta de geada e encaminhou-se para o alpendre, o pequeno movimento do espesso bigode grisalho como o único indicador de que preferia não ter aparecido naquele momento mais íntimo.

Em todo o caso, a expressão dele depressa se iluminou. Duke parecia sempre mais feliz quando estava prestes a partir. Quando Lily era pequena, o trabalho do pai levava-o a sítios tão remotos como a Gronelândia, mas o alcance dessas aventuras diminuía drasticamente quando a mãe de Lily os abandonara, sete anos antes. A partida da mulher deixara Duke ancorado à filha e, pelo menos durante o verão, à responsabilidade de manter aquele rancho em Laramie. Mas Lily crescera, e Duke estava finalmente livre para ser apenas uma celebridade local profundamente empenhada em concretizar um sonho de infância — encontrar o valioso saque que uns bandidos haviam escondido no deserto, há mais de cem anos.

Dito de outro modo, Lily não era a única que estava feliz por ter finalmente idade para assumir a gestão das terras da família.

Duke olhou por cima do ombro da filha, e Lily observou-lhe a expressão, enquanto ele mantinha uma conversa silenciosa com Leo. Às vezes, tinha a impressão de que mal conhecia o pai; outras vezes, podia lê-lo como um livro aberto. Duke não morria de amores pelo rancho, porém, naquele momento,

Lily conseguia ouvir os seus pensamentos, como se o pai os pronunciasse em voz alta: *Este rapaz não parece um cowboy.*

Leo não parecia um cowboy, claro, porque Leo não era um cowboy. Era um estudante universitário, um génio da matemática, um miúdo de Nova Iorque que procurara um trabalho de verão no rancho e se apaixonara, o que o obrigara a virar a vida do avesso para ali ficar com ela. Tímido, quieto e introspetivo, Leo era tudo o que Duke Wilder não era. Em todo o caso, com apenas 22 anos e na presença de um homem de meia-idade que as pessoas locais consideravam um Indiana Jones com a bravata do capitão Jack Sparrow, Leo Grady não se deixou intimidar e manteve-se exatamente onde estava, ao lado dela.

— Nós ficamos bem, Duke — disse Lily, para aligeirar o ambiente. — Não te preocupes.

— Cuida dela até eu voltar, rapaz — ordenou Duke, ainda com os olhos cravados em Leo e sem sequer reparar na expressão exasperada da filha.

— Assim farei — assegurou Leo.

— Não preciso de que tomem conta de mim — lembrou Lily a ambos.

Duke estendeu o braço, passando a mão pelos escuros cabelos da filha.

— Claro que não, miúda. Olha, deixei-te um bilhete na sala de jantar.

— Ah, ótimo! — respondeu Lily.

Outro enigma. Outro quebra-cabeças. Outra cifra para decodificar. O pai criara-a nesses jogos que ele adorava, sempre a espicaçá-la e a estudá-la como uma criança faria com um escaravelho, incapaz de compreender como é que a filha crescera tão diferente. Lily sabia o que a esperava nos dias seguintes: uma batalha entre o ressentimento e a curiosidade que se prolongaria até que a necessidade falasse mais alto e ela se sentasse finalmente para resolver o novo quebra-cabeças que o pai

lhe teria deixado. Era possível, claro, que o bilhete fosse apenas uma mensagem tola como *Vejo-te mais tarde* ou *Não comas toda a massa das bolachas de aveia*, mas era também provável que fosse alguma informação que lhe faria falta na gestão do rancho. Tudo o que um dia desejara ou precisara estivera sempre escondido em algum lugar inacessível, às vezes a quilómetros de casa. Aos olhos do pai, a questão era muito simples: se ela não procurava, era porque não lhe fazia falta.

Bem vistas as coisas, talvez ela não se desse mais ao trabalho de o fazer. Se calhar, os dois podiam finalmente concordar que não precisavam de amar as mesmas coisas — nem sequer um ao outro — para coexistirem. Pela primeira vez, sentia que era uma ideia com a qual podia viver. Talvez o pai regressasse de vez ao seu mundo de artefactos assombrados e tesouros perdidos, e ela pudesse simplesmente cuidar do rancho e dos cavalos, da terra e do seu novo amor, sem fazer caso do bilhete em cima da mesa.

A tensão no ar dissipou-se quando Duke lançou um último olhar à casa, ao celeiro e às colinas para lá dos edifícios. Os pais dele tinham comprado aquelas terras onde criaram dois rapazes, Duke e o irmão, Daniel. Tinha sido o irmão que transformara a propriedade no Rancho Wilder para ali viver o ano inteiro e receber turistas durante o verão, algo que fizera até ao dia da sua morte, dois anos antes. Lily e Duke mantiveram o negócio em funcionamento, mal e parcamente, porque o rancho nunca se apresentara como uma prioridade para o pai, ainda que fosse o único sonho de Lily, essa ideia de poder ali viver o ano inteiro e um dia assumir a missão de o ressuscitar à imagem dos verões dourados da infância. Afinal de contas, setenta e oito cavalos e duzentos hectares de beleza deslumbrante do Wyoming eram a sua ideia de perfeição. Aos olhos de Duke, porém, cada metro de cerca ali cravado fazia-o sentir-se como um gato enjaulado.

O seu carismático pai ajustou o chapéu de cowboy e acenou com a cabeça.

— Bem, vou andando.

Não houve abraços. Leo e Lily nem se deram ao trabalho de descer os degraus do alpendre. Ficaram ali parados em silêncio, a ver a figura corpulenta de Duke Wilder afastar-se na direção da sua robusta carrinha e sentar-se ao volante.

Lily rodou nos calcanhares na direção de Leo, a alegria no peito a efervescer com uma energia capaz de a projetar como um foguetão para o céu azul-acinzentado.

— Estás pronta para isto, chefe? — perguntou ele.

Lily respondeu-lhe com um beijo que desejava que fosse capaz de transmitir o que muitas vezes não sabia pôr em palavras.

Respirou fundo e saboreou o momento. Naquele momento, tudo estava no sítio certo. Nada nem ninguém podia apressá-la a virar as costas àquele instante de perfeição. Com o rasto de poeira da carrinha de Duke ainda a revoltear à distância, tudo o que importava era o amor de Leo e a galáxia de terra preciosa em redor. A *sua* galáxia. Abriu a boca para falar, mas deteve-se ante o olhar terno que Leo lhe lançou. «Menino da Cidade Perdido de Amores», era o que lhe chamavam os cowboys locais desde o dia em que ela o conhecera, cinco meses antes.

Rindo-se — com os lábios e o coração —, Lily segurou-lhe no rosto e esticou-se para o beijar de novo.

— Promete-me que seremos felizes aqui para sempre.

Leo anuiu, encostando a testa à sua.

— Prometo.

Capítulo 1

Hester, Utah, Archie's Bar

Maio, Presente

— **S**e queres saber — disse Lily, franzindo o sobrolho —, já devia ter aprendido que não é boa ideia fazer de conta que não se passa nada quando alguém desata à pancada num bar.

Archie estendeu a mão carnuda e entregou-lhe um punhado de pedras de gelo envoltas num pano.

— Não sei, acho que estou mais preocupado com o facto de teres levado uma cotovelada na nuca e mal teres dado por isso.

— Estás a dizer que sou uma cabeça-dura? — respondeu Lily, prendendo a respiração quando pressionou o pano gelado contra o pescoço.

Archie inclinou-se sobre o balcão.

— Estou a dizer que és uma verdadeira miúda do Oeste, Lily Wilder.

Lily empurrou-o, rindo-se.

— Morde aqui, Arch, a ver se eu deixo.

— Quando quiseres, Lil.

Lily apoiou um cotovelo no balcão e continuou a pressionar o gelo contra o pescoço, o olhar distraído no copo de cerveja à sua frente. Deslizou um dedo pelas gotas de condensação que escorriam ao longo do vidro, que depressa adquiriu um tom

lamacento. Durante o dia, o vento cobrira-a com a poeira vermelha do deserto: roupa, cabelo, mãos, braços, rosto. Graças a Deus que alguém inventara coisas como chuveiros e protetor solar. Ainda assim, com o tipo de clientela que frequentava o bar, ela quase nunca parava em casa para tomar um duche antes de entrar por aquela porta — quer fosse só para estar ali a beber uma cerveja ou a trabalhar atrás do balcão durante a época baixa. O cotovelo que a atingira momentos antes era prova disso.

A porta do bar abriu-se, banhando o espaço com uma luz intensa, e Nicole entrou com os cabelos louros desgrenhados e uma camisa de flanela azul e vermelha. Sentou-se ao lado de Lily e acenou com o queixo na direção de Archie, o que era uma forma de o cumprimentar e de lhe pedir uma bebida. Archie serviu-lhe uma cerveja num copo que dificilmente estaria limpo e pousou-o no balcão em frente às duas mulheres, juntamente com uma taça de amendoins que também nunca teria sido lavada. Mais faminta do que preocupada com questões de higiene, Lily alcançou a taça e tirou alguns amendoins.

— O que aconteceu? — perguntou Nicole, reparando no pano com gelo.

— O Petey e o Lou desentenderam-se. Estás a olhar para os danos colaterais.

— Queres que os ponha na ordem? — perguntou Nicole, já a levantar-se, mas Lily agarrou-lhe no braço.

Nicole era mais alta e mais forte do que Lily, e uma amiga leal que se transformava numa fera quando a provocavam. Lily apostava, aliás, que Petey e Lou passariam um mau bocado caso aceitasse a sugestão, porque Nic faria o que fosse preciso para lhes dar uma lição, nem que isso a matasse. Mas Nic era tudo o que ela tinha. Por isso, preferiu desviar a atenção para a pequena pilha de documentos que a amiga pousara no balcão.

— É o novo grupo?

Nicole anuiu.

— Chegam amanhã.

— Tudo homens?

Os clientes de Lily eram quase sempre homens que vinham brincar à caça ao tesouro e aos bandidos. Os grupos de mulheres eram uma lufada de ar fresco. Os passeios tornavam-se mais tranquilos, mais fáceis de gerir. Quase lhe davam a impressão de que valia a pena continuar a fazer aquele trabalho. Quase.

— Sim. Quatro.

— Despedida de solteiro? Aniversário?

Nic abanou a cabeça.

— Apenas quatro amigos em busca dos prazeres da natureza, acho eu.

Pouca sorte, pensou Lily. Os grupos que vinham celebrar despedidas de solteiro tinham pelo menos uma espécie de missão, que era beberem muito e viverem uma semana de deboche que recordariam durante muitos anos. Em sentido contrário, os grupos que procuravam a experiência «libertadora» das expedições oferecidas pela sua empresa, a Aventuras Wilder, precisavam sempre de mais acompanhamento, mais estrutura. Às vezes, Lily não via mal nisso — ajudar alguém a apreciar uns dias de férias a cavalo tinha sido uma das suas grandes alegrias enquanto crescia, e ainda era —, mas, naquele momento, sentia-se esgotada.

— Assinaram as declarações de responsabilidade? — perguntou ela.

Nic coçou o queixo, nitidamente pouco à vontade.

— Pois...

— Pois o quê? — perguntou Lily, já a adivinhar a resposta.

— Bem — disse Nic —, as declarações estão assinadas, mas tenho a impressão de que foram assinadas pela mesma pessoa.

— Merda — resmungou Lily, levando o copo de cerveja aos lábios.

— Deixa-te disso, é apenas uma formalidade...

— Até ao momento em que deixa de o ser — ripostou Lily.

— Não me posso dar ao luxo de ser processada.

— Miúda, tu mal tens dinheiro para pagar essa cerveja. — Quando Nic se inclinou para fitar Lily, uma madeixa de cabelo louro cobriu-lhe metade do rosto, deixando um único olho azul destapado para estudar a expressão da melhor amiga. — Estás a pensar que esta é a nossa última viagem?

Lily fitou os nós na madeira gasta do balcão. Na verdade, há muito que desejava o fim da Aventuras Wilder. *Queria* que fosse realmente a última vez que levava janotas da cidade para o coração do deserto para reforçarem o espírito de equipa, «endurecerem» e procurarem tesouros falsos. Queria desfazer-se do diário do pai e nunca mais olhar para aquelas páginas. Queria viver onde ninguém perguntasse pelos mapas e as histórias de Duke Wilder e pudesse esquecer tudo o que dizia respeito a Butch Cassidy. Não queria voltar a ver um homem montar a cavalo com sapatos engraxados, nem ouvir mais uma mulher com uma blusa *Prada* inspirada no Velho Oeste queixar-se de que lhe doía o rabo ao fim de meia hora em cima da sela. Queria gerir um rancho a sério, selar a *Bonnie* ao nascer do dia e conduzir os seus cavalos por prados de artemísia e ervas, com as pontas cobertas de geada a reluzir como diamantes e a estalar sob o peso dos cascos. Queria ter dinheiro para se mudar da cabana decrépita do pai e abandonar aquela cidadezinha miserável e empoeirada. Queria realmente que aquela fosse a última viagem.

Mas não bastava querer. Aprendera essa lição há muito tempo.

Ainda assim, a ideia de desistir consumia-a. Sete anos a gerir o negócio e agora sentia-se encurralada. Conduzir turistas pelo deserto mal pagava as contas, porque os cavalos eram caros, mas precisava de cavalos para conduzir turistas pelo

deserto e mal pagar as contas. A velha pescadinha de rabo na boca, por assim dizer.

— E os tipos do banco? — perguntou Nic, à procura de explorar todas as possibilidades. — O que disseram?

Lily abanou a cabeça.

— Outra vez?

— Quem é que me empresta dinheiro nestas condições? Vou viver de quê, se deixar de vender caças ao tesouro?

Nicole debruçou-se novamente sobre o balcão.

— Mas *explicaste* o plano? O que é que eles sabem, ao certo? Lily fitou-a.

— Claro que não, Nic, mas os tipos não são parvos. O fulano disse: «Se bem entendo, pretende comprar alguma terra e montar um negócio novo, mas como é que vai cumprir as suas obrigações até o negócio se tornar rentável?» Respondi-lhe que demoraria uns anos, mas que conheço a região, conheço o negócio e sei o que as pessoas procuram numas férias ao estilo do Velho Oeste. Escusado será dizer que não fez diferença. Pouco importa o que digo, porque não sou «um bom investimento».

Nicole suspirou, baixou o olhar e pôs-se a brincar com os dedos. Foi quando Lily reparou num envelope com o seu nome a espreitar da pilha de correspondência e declarações de responsabilidade. Seria capaz de reconhecer o remetente à distância. Era a sua antiga morada.

Sentiu-se imediatamente soterrada por uma avalanche de recordações — o aroma adstringente e inconfundível da artemísia; conduzir um grupo de cavalos, enquanto o sol espreitava por cima do pico das montanhas; bolachas de manteiga, acabadas de sair do forno, ao pequeno-almoço; o instante preciso em que pôs os olhos *nele* e, semanas mais tarde, quando sentiu o calor febril do seu corpo.

Massajando a dor dentro do peito, Lily expulsou aqueles pensamentos e apontou para o envelope.

— O que é isso?

Nic escondeu o envelope na pilha de papel.

— Nada.

— Esse envelope veio do Rancho Wilder e tem o meu nome.

— Lily estendeu a mão. — Dá-mo.

Nicole desviou-lhe a mão com uma palmada.

— Esquece. Tu não precisas disto agora. Acredita em mim.
Agora?

— Tem alguma coisa que ver com o rancho?

— Esquece, Lil.

Lily sentiu o sangue ferver.

— Abriste-o? Juro-te, Nic, és a coisa mais abelhuda que...

— Lançou novamente a mão ao envelope, mas Nic desviou a pilha de papel para o lado.

— Já te disse que *não*.

O sangue de Lily transformou-se em vapor perante a insinuação de que não seria capaz de lidar com o que ali estava escrito. Nic era a «impulsiva»; ela era a «sensata». Apesar disso, deu por si consumida pelo desejo de conhecer o conteúdo daquele envelope branco.

Voltou à carga e empurrou o braço de Nic, mas a amiga antecipou-se e debruçou-se sobre os papéis, protegendo-os. Lily não se fez rogada e lançou-se de cabeça contra a cintura de Nic, arrancando-a do banco e atirando-a ao chão. Como que perdendo a importância, as declarações de responsabilidade voaram pelo ar e caíram no meio das cascas de amendoim e da cerveja entornada no chão pegajoso. Os homens em volta depressa começaram a aplaudir e a incentivar a disputa entre as duas mulheres. Por norma, Lily teria evitado aquele espetáculo, mas agora tinha um único objetivo em mente, que era apoderar-se do envelope que a amiga, deitada de barriga no chão, protegia a todo o custo com o peso do corpo.

— Nem penses nisso! — berrou Nic, mesmo enquanto Lily lhe batia inutilmente nas costas, lhe fazia cócegas nas costelas e, por fim, começava a dar-lhe murros no rabo.

— Tem o *meu* nome, parvalhona!

— Tu não queres saber o que lá está escrito!

— Roubar o correio dos outros é crime! — Lily olhou por cima do ombro. — Petey! Tu és polícia.

— Sim, mas não estou de serviço — respondeu Petey, rindo-se e erguendo o seu copo de cerveja. — Vá, dá-lhe mais uns murros no rabo.

— Tu é que levas um murro entre as pernas, se não me ajudares.

— Bate-me onde quiseres, querida.

Com um rugido selvagem, Lily usou toda a força para enfiar os braços por baixo de Nic e alcançar o envelope. Conseguiu finalmente agarrá-lo e puxou-o, rasgando um dos cantos. Pôs-se de pé e correu para se esconder atrás de Big Eddie, que estava perto do alvo de dardos, usando-o como escudo contra uma eventual retaliação de Nic.

— Ouve o que te digo, não abras isso — avisou Nic. Depois, percebendo que não valia a pena, levantou-se e limpou a sujidade do rosto com as costas da mão. Sentou-se novamente ao balcão com a sua cerveja e taça de amendoins. — Como queiras. Só não venhas chorar no meu ombro quando souberes o que é.

Ao canto do bar, Lily abriu o envelope. Os olhares de todos convergiram na sua direção enquanto lia a carta — de início sem compreender o que lá estava escrito, as palavras transformadas em remoinhos de preto e branco —, e permaneceram cravados no seu rosto quando voltou ao início para as reler. As frases ganharam forma e sentido, e a dor, a perda e a solidão que condensara e arrumara dentro do peito, como um tijolo, soltou-se à imagem de um enxame de moscas.

A carta era do atual proprietário das terras da família. Um homem com quem se reunira uma única vez, quase uma semana depois de outro desgosto brutal. Por muito que Lily odiasse Jonathan Cross, era certo que esperara dez anos por aquelas palavras.

...reforma... rancho à venda... gostaria de lhe oferecer a primeira opção de compra...

Pouco importava quão vantajoso era o negócio que ele lhe propunha. Não havia nada que pudesse fazer para reaver o rancho da família.

Quando algo se perdia, estava perdido. Lily achou que tinha ultrapassado o seu sofrimento, o seu desejo por aquele lugar, mas voltou a sentir-se magoada.

Precisou de toda a sua força física só para manter a compostura. Comprimiu o lábio inferior contra os dentes e cerrou o maxilar. Obrigou-se a endireitar os ombros, impedindo que se erguessem em volta do pescoço, impedindo que as costas se curvassem. Não havia ninguém vivo — naquele bar, pelo menos — que um dia a tivesse visto quebrar. Por fim, quando todos em volta perderam o interesse ou simplesmente desviaram o olhar por uma questão de respeito, Lily encaminhou-se de volta para o balcão.

Nicole, que já tinha pedido outra cerveja para a amiga, fez deslizar o copo na direção de Lily quando ela se sentou ao seu lado.

— Eu avisei-te.

— Eu sei.

— O que vais fazer?

— Tudo o que posso fazer — respondeu Lily, levando o copo aos lábios. — Nada.

Capítulo 2

Nova Iorque

Maio, Presente

A desvantagem de alguém tentar chegar ao aeroporto JFK às 8h15 da manhã: nos últimos vinte minutos, a longa fila de automóveis presa no trânsito matinal não se deslocava uma única vez a mais de quinze quilômetros por hora. A possível vantagem: Leo tinha todo o tempo do mundo para responder às mil e uma perguntas que o patrão podia simplesmente fazer a outro colega no escritório, mas não fazia, vá-se lá saber porquê.

Quando o telemóvel acusou a receção da décima mensagem de texto em cinco minutos, Leo fechou os olhos, suspirando.

— Põe essa porcaria no silêncio — disse Bradley, abrindo a janela do táxi e fechando-a no mesmo instante por causa do fumo do escape de um camião.

— Não vale a pena — disse Leo, digitando uma resposta rápida.

O telemóvel apitou de novo.

— Leo, esta história repete-se todos os anos.

— Deixa estar, o Alton fica assim quando não estou no escritório.

— Exato. Até parece que não há ninguém na área metropolitana capaz de usar uma calculadora.

O telemóvel tocou novamente na mão de Leo, mas desta vez era alguém a ligar-lhe.

Bradley lançou-lhe um olhar de advertência.

— Não atendas.

Encolhendo os ombros, Leo apontou para o nome de Alton no ecrã.

— Ouve, eles vão tomar decisões acerca das funções do vice-presidente durante a próxima semana. Não posso ignorar a chamada só porque estou de férias.

Leo levou o telemóvel ao ouvido.

— Estou?

Bradley resmungou entre dentes e inclinou-se na direção do taxista, que não estava minimamente interessado no assunto.

— Isto é o que acontece quando alguém não é capaz de ignorar o chefe.

— Não é verdade — sussurrou Leo, antes de devolver a atenção ao que o chefe lhe dizia no outro lado da linha e responder: — O código para o algoritmo Daxton-Amazon está guardado no disco C, na pasta *Daxton-Amazon*.

Bradley lançou-lhe um olhar incrédulo, mas Leo ignorou-o e continuou a dar instruções.

— Isso mesmo. Podem enviá-lo diretamente para a Alyssa ou guardá-lo na nuvem...

Bradley arrancou-lhe o telemóvel da mão, dobrou-se e encostou o aparelho à boca, reproduzindo os sons que se esperaria ouvir numa ligação de má qualidade.

— Não consigo... *prrrrsst...* ouvir... *prrrrsst...* túnel... — Desligou a chamada e, com um sorriso trocista, guardou o telemóvel no bolso do casaco.

Leo ficou a olhar para ele.

— Meu, a sério?

— O meu ano, a minha viagem, as minhas regras. E a regra número um é nada de telemóveis.

Leo tentou recuperar o aparelho.

— Ele só quer saber onde está o...

Leo afastou-lhe a mão com uma palmada.

— Desculpa, mas não faço ideia de como o teu chefe chegou a chefe, se não consegue encontrar um algoritmo chamado Daxton-Amazon numa pasta identificada com o nome *Daxton-Amazon*.

Incapaz de rebater a lógica de Bradley, Leo desviou o olhar para a janela. De facto, estava na hora de deixar de se preocupar com o trabalho e começar a pensar em qual seria o destino que Bradley escolhera daquela vez. A viagem anual com os dois melhores amigos desde os tempos da faculdade era a única oportunidade que tinha de fugir à rotina, e à medida que as vidas de todos se haviam tornado mais frenéticas, o modo habitual de planearem as coisas passara de *é a minha vez de escolher o destino para só vão descobrir quando chegarmos ao local*. Saber que iam voar para Salt Lake City não ajudava a solucionar o mistério. Mais a mais, quando era a vez de Bradley organizar a viagem, os outros dois tinham razões de sobra para ficarem apreensivos. Bradley punha sempre o prazer de ter uma boa história para contar acima do conforto pessoal, ou até do bom senso.

O telemóvel de Leo tocou de novo. Bradley tirou-o do bolso e sorriu quando leu o nome no ecrã.

— É o teu outro chefe — disse, mostrando o ecrã a Leo.

Cora.

Bradley atendeu a chamada.

— Telefone do Leo, fala o tio Bradley.

Leo tentou recuperar novamente o telefone, mas Bradley pôs-lhe a mão inteira no rosto e empurrou-o de volta para o lugar.

— Como estás, minha querida?

Leo mal conseguia ouvir o que a irmã dizia do outro lado da linha. Resignado, afundou-se no assento. Cora adorava

Bradley. Se Leo recuperasse o telemóvel, ela dir-lhe-ia para o devolver só para continuar a conversa.

— Parabéns pela tua licenciatura, Cor. Fantástico. — Bradley anuiu, sorrindo em função do que ela lhe dizia. — A sério? — Virou-se na direção de Leo. — Voas amanhã para Paris? Não, o teu irmão não me disse que te ofereceu uma viagem para duas pessoas a *Paris* como presente de licenciatura.

Merda, pensou Leo. Bradley não ia deixar passar o assunto em claro.

— Oh, aposto que sim — disse Bradley, arregalando os olhos e fingindo-se chocado. — Deve ter sido de facto uma noite fantástica. — Fez uma pausa. — Sim, eu digo-lhe. Faz boa viagem. Também gosto muito de ti, miúda. — Bradley terminou a chamada e, com um sorriso irónico, devolveu finalmente o telefone a Leo. — Realmente, as coisas que uma pessoa descobre.

Guardando o telefone na mochila, Leo deixou cair a cabeça contra o assento.

— Nem comeses.

— A Cora pediu-me para te dizer que passou por tua casa para ir buscar o dinheiro que lhe deixaste. — Bradley fez uma pausa, coçando a barba por fazer. — Confesso que não estava à espera de que não me convidasses para o jantar que organizaste *ontem*, para celebrar a licenciatura da tua irmã. Acho que não reventavas o orçamento com mais um convidado, visto que estiveram lá doze pessoas e lhe ofereceste uma viagem a Paris.

O motorista parou o táxi na área de largada de passageiros do aeroporto. Bradley e Leo apearam-se e começaram a tirar as malas da bagageira.

— Não foi por causa do dinheiro que não te convidei — explicou Leo, enquanto se encaminhavam para o terminal. — Só não gosto que te metas com as amigas da minha irmã mais nova.

— São maiores de idade — argumentou Bradley.

Bradley era o amigo mais antigo de Leo, e aquele que, dez anos antes, o apoiara quando o seu mundo ruíra e o ajudara a reencontrar o norte. Era aquele que, em relação a Cora, fazia o papel de um tio brincalhão e provocador, contrabalanzando a tendência que Leo revelava para proteger e mimar a irmã em demasia. Mas Bradley também era um sedutor incorrigível.

— E também são dez anos mais novas do que tu — recordou-lhe Leo.

— Uma década não é muito quando somos mais velhos.

— Mas ainda é o suficiente, Bradley.

Bradley sorriu.

— Estás a mudar de assunto. Tu estragas a Cora com mimos.

— Diz o homem com um *Rolex* no pulso e um saco *Prada* a tiracolo. Devias ser a última pessoa a dar-me lições sobre «mimos». Ah, e também não tens cara de quem precisa de uma refeição grátis.

— Não, mas estás à vontade.

Leo riu-se da expressão vitoriosa do amigo.

— A Cora vai mudar-se para Boston. Tu sabes que era o meu dever certificar-me de que ela concluía os estudos.

Sim, Leo encarregara-se da educação da irmã, mas ao papel de irmão juntara o papel de pai, mãe e benfeitor, e ainda tentara compensá-la por todo o amor que ela perdera dez anos antes.

— E foi isso que fizeste. E ainda lhe deste uma semanada, livraste-a dos empréstimos estudantis e puseste-a a viver num apartamento apenas a quatro quarteirões de distância da universidade.

— Que ela partilha com mais três pessoas — recordou Leo. — A minha irmã não vive como uma rainha num palácio.

Bradley encolheu os ombros.

— Como queiras. Para onde vamos, ela não vai poder ligar. Achas que se vai safar sem o irmão mais velho pronto a acudi-la?

Leo começava a estar farto da conversa.

— Ela vai ficar ótima. — Pelo menos, era o que esperava. — Vai estar demasiado ocupada a apreciar Paris para se lembrar de mim.

— E *tu*? — insistiu Bradley.

— Como assim?

— Esta é a primeira viagem em que não vamos poder consultar e-mails de trabalho nem receber telefonemas.

Desviando-se de uma família que reorganizava o conteúdo de uma mala junto ao balcão do check-in, Leo lançou um olhar de relance a Bradley.

— Não te preocupes. A lista de *essenciais* que me deste, horrível, diga-se de passagem, deixou-me mentalmente preparado para acabar no cu de Judas.

— Horrível? — repetiu Bradley, fingindo-se ofendido.

— Para começar, não tenho calças com bolsos nas pernas — disse Leo, enquanto iniciavam o check-in — E botas com salto? Estamos a falar de quê? Estilo *Purple Rain* ou operário da construção civil?

— Conheces as regras. Fazes a mala e nada de perguntas.

— Sim, conheço as regras, mas quando li *chapéu com cordão de fixação*. Ouve, eu nem sei o que isso significa.

Na verdade, Leo sabia perfeitamente, mas a mera sugestão de que poderia necessitar de botas com salto e um chapéu com cordão de fixação deixava-lhe o estômago às voltas. Razão pela qual só fizera a mala naquela manhã, quando finalmente — de modo frenético — atirou tudo para dentro do seu saco de lona. Os três amigos haviam estabelecido um conjunto de regras, explícitas e implícitas, para aquelas viagens. Por exemplo, Bradley recusava-se a viajar para Key West, porque a família

de uma mulher a quem pedira a mão em casamento em 2012, num momento de bebedeira, era proprietária de quase um quarto dos restaurantes da cidade. Walter não punha os pés em qualquer estado conhecido pela ocorrência de tornados. Ora, a regra implícita de Leo era sempre a mesma. *Nada de cavalos*. E Bradley sabia perfeitamente *porquê*.

Por conseguinte, mesmo que a viagem não os levasse ao Wyoming, estar perto de cavalos catapultaria Leo para um lugar mental que ele, de acordo com várias ex-namoradas, nunca abandonara emocionalmente.

A tradição daquelas escapadelas anuais começara depois de ele ter regressado de Laramie, vazio e de coração partido. Na primavera seguinte, Bradley, movido por um igual número de boas e más intenções, organizou uma caminhada de vários dias pela região norte do estado, enquanto Cora estava no campo de férias da YMCA em Vermont. Nessa primeira viagem, Leo rira-se como nunca se rira em sete meses.

No ano seguinte, os três amigos fizeram-se de novo à estrada, dessa vez numa viagem de carro organizada por Walter, que os levou ao estado do Maine. A partir daí, as coisas evoluíram a par da progressão natural dos rendimentos de cada um. Provas de vinhos no Oregon, fábricas de queijos em França. Tinham nadado com golfinhos em Ensenada e remado em caiaques por entre glaciares no Alasca.

Dado que na última viagem de Bradley, três anos antes, o amigo escolhera uma semana em Ibiza e incluía *dinheiro para cauções* na lista de essenciais — exigência que Leo e Walter, felizmente, haviam levado a sério — era natural que houvesse alguma preocupação em relação ao que ele lhes reservara para aquele ano.

Leo foi afastado destes pensamentos quando alguém, uns metros mais atrás, gritou:

— Como é que é, seus coninhas?

Bradley e Leo estavam rodeados de, pelo menos, uma centena de passageiros, por isso não havia razão para pensarem que estas palavras haviam sido dirigidas a eles, mas Leo não precisou de olhar para trás para saber que era o caso. Enquanto os passageiros em volta se viravam para descobrir quem é que gritara *coninhas* num aeroporto cheio de gente, Leo lançou um olhar acusador a Bradley.

— A sério? — sussurrou. — Tu convidaste este gajo?

Bradley respondeu com uma expressão comprometida.

Um olhar relutante por cima do ombro confirmou o receio de Leo: Terrence «Terry» Trottell. Um homem que não servira um dia no exército e estava ali de camuflado e mochila militar ao ombro, a caminhar ao seu encontro. Alto, magro, coberto de tatuagens decididas por impulso e com uma barbicha mal semeada, Terry era o tipo de livro que se avaliava pela capa.

Bradley franziu o sobrolho.

— Perguntou-me diretamente. Não lhe podia dizer que não.

— Era bastante fácil: *Não*, Terrence, *não* podes vir connosco porque *não* fazes parte desta tradição.

Terry, antigo colega de quarto de Bradley no primeiro ano de faculdade, apenas se mantivera ligeiramente ligado ao grupo porque era o amigo pelo qual todos pediam desculpa em todo o tipo de situações. Ali estava o homem que, sem ninguém o convidar, aparecera numa festa com uma t-shirt com a fotografia de uma mulher amordaçada e a frase APRECIA O SILÊNCIO.

Ora, sendo certo que Bradley não se coibia de moer o juízo de Leo por causa da irmã, do trabalho e da ausência de mulheres na sua vida, ele não era dado a conflitos e dava-se bem com toda a gente. E como Leo era a figura calma do grupo, Bradley podia dar-se ao luxo de o provocar. Terry, pelo contrário, era um

tipo descontrolado, alguém que encontrava sempre maneira de se ofender com tudo e com nada. E agora estavam ali todos, prestes a embarcar para um local que se adivinhava remoto o suficiente para os obrigar a sobreviver sem a ajuda de um telemóvel.

Maravilha.

Bradley e Leo fingiram que não viram Terry acenar-lhes até ele se chegar ao balcão, alguns metros mais ao lado. Enquanto a funcionária do check-in etiquetava a pouca bagagem de ambos, Leo olhou para Bradley.

— Ele não costumava ser assim — disse Bradley.

Na universidade, colecionar caricas e nunca lavar a «t-shirt da sorte» eram os principais sinais da costela esquisitoide de Terry. Hoje em dia, colecionava munições *vintage* e defendia que *feminista* e *terrorista* eram, essencialmente, sinónimos. Bradley não estava errado quando dizia que Terry não costumava ser assim, mas pouca relevância tinha, porque ele tornara-se de facto terrível em todos os aspetos. Leo, que já se sentia apreensivo com a viagem, estava agora convicto de aquilo seria uma espécie de calvário sem fim à vista.

— O Walt enviou-me capturas de ecrã de algumas coisas assustadoras que o Terry tem publicado nas redes sociais. O tipo passa os dias inteiros em alguns dos recantos mais sinistros da Internet.

— Eu sei. Mas é mais equilibrado quando está connosco.

Leo riu-se.

— Achas?

A funcionária entregou-lhes os bilhetes e os dois afastaram-se do balcão.

Bradley olhou para o lado.

— Acho que ele vai passar estes dias de viagem na maior das descontrações.

— Porque aquele é o Terry que conhecemos? — perguntou Leo, apontando para Terry, que naquele momento parecia estar a «esclarecer» a funcionária do check-in acerca da maneira correta de etiquetar a sua bagagem. — Um tipo descontraído?

— E o que propões? Vais dizer-lhe que não pode ir connosco?

— Bradley, o gajo está a fazer o check-in. É óbvio que não lhe vou dizer nada.

— Até parece que és perfeito — murmurou Bradley. — Também não és capaz de dizer que não à Cora.

— Eu ouvi.

— A ideia era essa.

Os dois seguiram para o posto de controlo dos passageiros, mas quando Bradley parou para esperar por Terry, Leo avançou e despachou o protocolo de segurança numa questão de minutos. Ficou satisfeito por não ter esperado, porque Walt já se encontrava na zona de embarque e convinha preparar o amigo para a notícia de que Terry iria viajar com eles. Posto de outro modo, se a notícia se revelasse demasiado enervante, Walter teria pelo menos tempo de usar a casa de banho antes de embarcar.

Walter estava sentado com a mochila no colo, auscultadores nos ouvidos, a cabeça a abanar descontraidamente ao ritmo da música. Uma alma gentil que raramente se importava com cortes de cabelo ou com a necessidade de substituir uma t-shirt esburacada de tanto uso, Walter era sempre o primeiro a ligar a um amigo em dificuldades. Ou seja, Walter era tudo o que Terry não era, e vice-versa.

Leo fez um compasso de espera, sabendo que se preparava para arruinar a boa disposição do amigo, mas quando Walt olhou na sua direção, substituindo a expressão de felicidade por outra coisa qualquer, Leo percebeu que era agora demasiado tarde.

Walter tirou um dos auscultadores dos ouvidos, os olhos arregalados como quem acaba de ver um fantasma.

— Espera, o que é que o Terry está aqui a fazer?

De certa maneira, Leo tinha pelo menos uma razão para se sentir agradecido pela natureza diplomática de Bradley. De repente, graças à presença de Terry, havia finalmente algo que o deixara menos entusiasmado do que a ideia de montar a cavalo pela primeira vez em uma década.

Recuperar um amor perdido pode ser a maior das aventuras.

Lily Wilder cresceu com as histórias e os enigmas de Duke Wilder, de quem herdou o gosto pelas montanhas do Utah, um diário e uma total falta de dinheiro. Para conseguir amealhar o suficiente para recuperar o antigo rancho da família, Lily organiza caças ao tesouro para turistas aventureiros, recorrendo aos velhos mapas do pai. Mas não estava à espera de que Leo Grady fosse um dos seus clientes.

Lily e Leo conheceram-se dez anos antes e viveram uma apaixonada história de amor, até que se afastaram inesperadamente, acabando de coração partido. Agora, Leo reaparece na vida de Lily com um peculiar grupo de amigos para uns dias de aventura. Insatisfeito com a sua vida e incapaz de esquecer o que viveram juntos, Leo está disposto a deitar o passado para trás das costas, enquanto Lily parece determinada a tratá-lo com indiferença.

Quando a viagem começa a correr mal, ambos se apercebem de que as histórias do pai de Lily sobre um tesouro perdido podem ter algum fundo de verdade. Perante a possibilidade de embarcar numa verdadeira caça ao tesouro, Lily e Leo têm de trabalhar em conjunto para decifrar o derradeiro enigma deixado por Duke Wilder, e acabam por perceber que a paixão que os uniu anos antes pode ainda não estar extinta.

Não perca, da mesma dupla de autoras:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[@topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789897873010



9 789897 873010 >